

SUMMER TIME

A Passagem de
Janis Joplin
na Bahia.





SUM MER TIME

Baseado em fatos reais, JANIS JOPLIN e DAVID vão pra Bahia em busca de anonimato e formam, por um curto período, uma comunidade Hippie na casa do artista plástico LULA MARTINS. Em meio a imersões na Festa de Yemanjá, na Aldeia de Arembepe e no universo do Candomblé de Salvador em plena ditadura militar, JANIS canta em um brega a música “SUMMERTIME”, o que ameaçará sua tão valiosa condição de anonimato.

Eles descem do Caminhão perto da Rodoviária de Salvador, andam, encontram um telefone e ligam para um número que seu amigo Sergey havia lhe dado no Rio de Janeiro. Na primeira vez atende alguém que não consegue se fazer entender, a pessoa do outro lado da linha não falava nada de inglês. Ela insiste, liga novamente e consegue uma pessoa na casa que sabia falar inglês, a sua língua.

Depois de alguns minutos aparece um Fusca com 2 surfistas cariocas que passavam o verão na Bahia, Marinho e Hermes, e para devagarinho na frente de Janis Joplin e David que estavam andando já distantes do lugar marcado.

Eles entram no carro e são cumprimentados pelos surfistas que estavam eufóricos com aquele encontro. Eles puxam conversa com Janis, David responde, mas ela não queria muita conversa, então pede para que ele os deixe na praia do Rio Vermelho, onde ela tinha lido sobre uma famosa festa popular na cidade. Era um dia depois da Festa de Yemanjá, as pessoas ainda arrumavam a última barraca, na praia vestígios de uma das maiores festas da cidade da Bahia. Ela salta do carro e sai andando pela praia na frente de David, no limite onde as ondas quebram e com elas batendo em seus pés. Essas ondas vinham misturadas a uma grande quantidade de rosas e arranjos que boiavam nas águas por conta da festa. Eles se divertem no caminho entre

ondas e rosas, quando encontram uma boneca de lemanjá. Nessa hora em que eles começam a brincar com a boneca aparece uma mãe de Santo e fala em lorubá, meio que dando uma bronca e tomando a boneca das mãos dela, Janis fica acuada com aquilo. Eles continuam a caminhar quando se deparam com Lula Martins, um homem magro, moreno, com cara de Hindu que naquela hora escovava os dentes defronte a sua casa, com uma xícara colorida cheia de água na sua mão. Ao avistá-la, não reconhece Janis por jamais imaginar que a artista que ele mais gostava na vida estava andando a pouco metros de onde tinha acabado de acordar. Ele reconhece incrédulo, mas pensa ser uma miragem, para ele não seria possível que a artista mais querida que ele sabia estar no Rio de Janeiro (Que estava para ir ver em um provável show em Saquarema, de acordo com um boato que circulava entre as rodas alternativas da cidade da Bahia) estava andando, solta, livre, sem fãs, pelas areias da praia onde ele morava. Lula confuso, quando ela passa pela sua frente, arrisca chamar seu nome, ainda sem acreditar. Ela, que já tinha passado por ele, vira o rosto e responde de pronto com um sorriso estampado, confirmando sua identidade.





Depois das apresentações dela e do namorado com Lula, eles ficaram felizes com o encontro e sentam na beira da praia para conversarem, quando recebem o convite de Lula Martins para conhecerem sua casa. Lula Martins é artista plástico, e sua casa é uma verdadeira galeria de arte. Maravilhados com o ambiente que encontram e querendo um lugar para ficar diferente de um hotel, onde ela seria facilmente reconhecida, David, que falava espanhol, percebe a felicidade da sua namorada e pergunta para Lula se eles poderia ficar em sua casa.

Lula Martins não acredita no que acabara de ouvir, derruba a xícara de chá que ele tinha acabado de ofertar e fica bastante atrapalhado com aquela proposta. Em meio a sua euforia atabalhoada ele aceita a proposta e doa seu quarto para o casal. Mas como ele não falava inglês de maneira fluente, ele vai em um orelhão (telefone público) e liga para a sua amiga filha de ingleses, Judy Spencer, que ao saber do que estava acontecendo na casa de Lula se muda para lá com sua sacola de roupas, com a função oficial de ser a tradutora do grupo. Além de Judy, estavam os surfistas Marinho e Hermes foram procurar Janis e ao chegar, foram incorporados a comunidade. Além desses 4, apareceu Pity, um músico amigo de Lula que tocava berimbau e violão como poucos, Ogã do Ilê Axé Opô Ôfunja. No primeiro dia de Janis Joplin em Salvador, ela, sem planejamento algum, já estava construindo uma



desconhecida comunidade alternativa no bairro do Rio Vermelho em meio aos vestígios da Festa do dia 02 de fevereiro. Ao entardecer Janis tem a ideia de todos saírem catando as flores e rosas de Yemanjá que boiavam na água para fazer um grande círculo na areia, em torno de uma fogueira. Em meio a ácido e álcool, eles embarcam na primeira viagem do grupo recém formado, misturando Blues e Rock com o Candomblé da Bahia.

No segundo dia, chega ao grupo um amigo Lula Martins, o artista plástico Gilson Rodrigues e o amigo de Pity do Candomblé, Zulu. Eles saem pela cidade e vão visitar o Mercado Modelo e depois um amigo que mora no Santo Antônio, na Cidade Alta. No Santo Antônio, a noite, depois da visita, eles vão a um terreiro de Candomblé numa pequena rua e lá dentro, entre danças e batuques, Janis incorpora Omolú, e recebe um manto de palha do orixá e dança como nunca dançou na vida, surpreendendo todos que jamais esperavam aquilo acontecer.

Amanhece, parte do grupo dorme na casa, parte a Beira do mar diante de uma fogueira que já se encontra apagada. Lula Martins e Janis Joplin estão acordados, ele pintando quadros apoiados no cavalete, que ele movimenta de acordo com a disposição das pessoas que estavam ali e ela tocando violão na areia da praia, tentando reproduzir alguma coisa na sua música que tenha relação com a experiência da noite passada no terreiro de Candomblé. Ele agora pinta David, seu namorado e Pity, o músico, que estão juntos na cama, abraçados. David acorda e não gosta do que vê, Lula pintando ele seminú com Pity. Ele levanta, pega parte da tinta e joga por cima do quadro. Lula fica sem saber o que fazer, mas depois junto com o próprio David, começa a pintar o corpo com as mãos, tiram a roupa e os outros começam a chegar, tirar a roupa e se pintarem. Essa performance pictórica acontece na cama de casal de Lula.

Fim de tarde, todos estão com os corpos enterrados na areia, ainda com resquícios da pintura coletiva. De da areia apenas Janis Joplin, que está diante do seu próprio disco cantando as mesmas músicas tocadas numa vitrola na porta da casa. Um gipe do exército passa pela rua e observa aquela movimentação estranha. Eles então descem e se deparam com aquela cena inusitada. Mas depois reagem com violência e começam a enquadrar todos, obrigando a saírem da areia, até quando o comandante pega o disco que tocava e vê que

na capa tem a mesma mulher loira que eles estavam quase prendendo. Ele então chama Lula Martins e questiona quem era a mulher do disco, quando ele aponta para o disco de Janis e isso desconcerta o militar, fazendo com que ele ordenasse a libertação de todos e saísse a contragosto.

De noite eles saem pelas ruas e vielas, bebendo e fumando durante o trajeto. Sobem a Ladeira da Montanha, reduto das casas de prostituição da Bahia, quando Janis ouve o som de um rock saindo de uma dessas casas. Ela então entra no estabelecimento e puxa todo o grupo com ela, chegando lá descobrem que um grupo de marinheiros americanos, fecharam o brega, colocaram todas as funcionárias à disposição e contrataram uma banda de rock para tocar para eles durante a noite. Quando ela entra no estabelecimento, ninguém nota sua chegada, Janis era desconhecida em Salvador no ano de 1970. Ela, adorando essa sensação de ser desconhecida, senta, pede cerveja e cachaça e conversa com seus amigos, feliz com a noite. A banda para de tocar, ela, olha para o palco e percebe que mesmo cantando ali, poucos reconheceriam ela, então ela toma um copo de cachaça e vai até o microfone. Ao tocar no microfone, dá microfonia e os presentes olham para o palco e estranham. Ela então tira o microfone do pedestal, olha para todos, fecha os olhos e começa a cantar a música “Summertime” a capela. As pessoas, uma a uma, começam olhar para ela e se



emocionarem, alguns choram, outros se abraçam, a cena é belíssima. Os marinheiros reconhecem ela por ser americana e os músicos da banda, sobrem ao palco e tocam um Blues para ela cantar. Eles voltam para casa na madrugada, abraçados e cantando “Summertime”.

Marinho da carona para a “Mãe de Santo” de Pity, Mãe Geralda, ela para numa venda de produtos do candomblé e sai com Pity para comprar uma série de produtos que necessitava. Quando estavam saindo do carro, um frasco de pólvora cai no estofado do fusca de Marinho, que junto com Pity catam a pólvora e entregam tudo para Mãe Geralda, deixando o rastro de pólvora no tapete.

Janis e David aprendem a pintar com Lula, eles fazem uma Marina com a vista do mar do Rio Vermelho. Janis dorme, Judy Spencer sente que está apaixonada por ela e se declara para David, falando da sua paixão. David beija Judy na boca e diz para ela ir em frente, que ele não tem o menor apego pela relação com Janis. Eles continuam se beijando e transam, quando Judy está gozando, ela olha para Janis dormindo, mas não para.

Eles partem em direção a Aldeia Hippy de Arembepe, no carro estão Janis, David, Lula, Pity, Judy e Marinho, que dirige o carro. Estão fumando um tremendo baseado quando uma blitz na estrada manda o carro parar. Marinho, nervoso pois estava com o cigarro na

mão, tenta apagar a brasa no estofado do carro, quando ela toca no resto de pólvora que tinha caído no dia anterior e explode uma fumaça intensa dentro no carro. Os policiais ficaram tão surpresos com aquele carro de malucos saindo fumaça, que mandam eles seguirem.

Na Aldeia Hippy eles andam pelas Dunas da praia e começam a dançar com o vento levantando areia, eles começam a fazer desenhos enormes e pularem sobre eles. Judy aproxima sua boca a de Janis, que dá um beijo demorado nela. De noite eles entram na casa de um artista local que tem uma famosa projeção de filmes com jogos de luzes e espelhos. Todos entram na sala e começam a ter viagens lisérgicas distintas em relação a projeção, alguns riem bastante, outros sentem agonias ampliadas pelo efeito do ácido. Um tambor começa a ser tocado por um índio que morava na Aldeia Hippy, as pessoas começam a dançar em torno das projeções.

Acordam no Rio Vermelho, Janis levanta mais cedo que todos, toma um copo de cachaça com limão e sai na janela da casa de Lula, quando alguns fotógrafos começam a tirar fotos com flashes de Janis, que aquela altura, estava muito feliz com o anonimato, tinha se esquecido que era uma estrela mundial. Ela, numa reação de fúria, atira o copo nos fotógrafos e entra em casa chutando tudo, acordando todo mundo. Lula, que já estava acordado, sai na varanda e tenta colocar aos berros todos os jornalistas para fora, sem sucesso.

Quando ele volta pra casa, Judy diz para ele que Janis estava desconfiada que alguém do grupo a tinha traído avisando de sua presença na cidade. Eles fecham as portas e fumam um baseado, todos negam, um a um, a responsabilidade por aquilo, mas a magia estava quebrada. Depois de conceder uma pequena entrevista para um jornalista local, ela deixa a casa de Lula e vai em busca do Hotel da Bahia, o melhor hotel de Salvador. Eles partem no carro de Marinho, que vai leva-la, junto a David, Lula e Judy para o hotel. Chegando lá, ela pede um quarto, mas o recepcionista, quando olha as roupas largadas e a aparência de Janis e a sua turma, inventa que não tinha mais vagas no hotel. Janis ao ver que estava sendo discriminada, tira um bolo de dinheiro do bolso e joga na mesa da recepção, quando aos gritos, afirma que era Janis Joplin, uma Super Estrela.

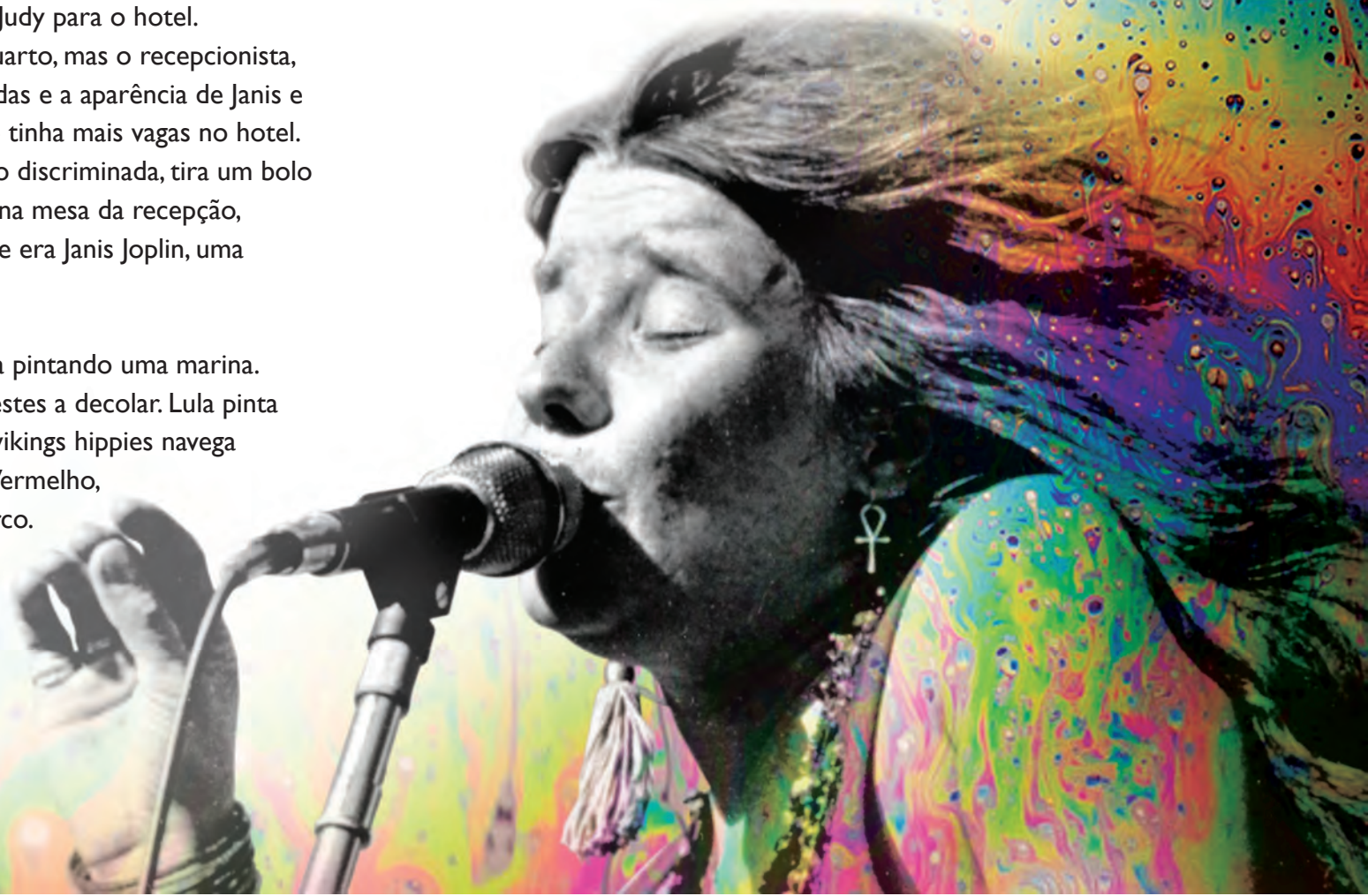
Lula Martins está na sua casa pintando uma marina. Janis Joplin está no avião, prestes a decolar. Lula pinta um barco, nele um casal de vikings hippies navega para longe da Bahia do Rio Vermelho, Yemanjá vai no fundo do barco.

FIM

Roteiro e Direção:
Henrique Dantas

Produção:
Hamaca Filmes.

Contato:
hamacafilmes@gmail.com





INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Summertime na Bahia é um projeto que nasce com a minha infância, quando meu tio Luiz Henrique (1947-2015) me contava histórias de uma pessoa que não reconhecia no meu repertório, mas que tinha vivências incríveis. Quando me tornava um jovem adulto, inebriado com a descoberta do universo colorido da década de 70, fui em dar conta de que essa pessoa era ninguém menos do que Janis Joplin. Esse meu tio tinha um grande amigo chamado Lula Martins que conheci também criança e que foi a pessoa que hospedou Janis Joplin e seu namorado David em sua casa, na beira da praia do Rio Vermelho. Portanto essa história se tornou minha história, e para

me apropriar mais ainda da mesma comecei esse projeto filmar os depoimentos das pessoas que conviveram com ela nos 7 dias que ela passou desconhecida dentro de Salvador. Cidade que misturava repressão com liberdade e que encantou Janis Joplin. De posse dessa história fui provocado para realizar uma ficção de época, divertida, alucinante, emocionante onde misturo situações inventadas com fatos históricos vividos nessa Salvador enigmática. Ela faz parte do núcleo da Hamaca Filmes, que acaba de ser contemplado no edital de Núcleos do FSA.